

APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que apresentamos esta edição comemorativa dos 20 anos de existência da Revista *Ideação* Volume 20 nº1 com um dossiê sobre interdisciplinaridade. A *Ideação* se manteve e cresceu acompanhando os esforços, públicos e acadêmicos, de ampliação e de verticalização do ensino universitário no estado do Paraná e no País, intrinsecamente ligados às pesquisas, aos grupos de pesquisa e aos programas de extensão. Embora a *Ideação* tenha sido criada por alguns professores da graduação em Letras, desde o primeiro número acolheu trabalhos de outras áreas como as das Ciências Humanas e Sociais e das Ciências Sociais Aplicadas. Hoje a Revista é editada por professores do Centro de Educação, Letras e Saúde, com mais abrangência e diversidade temática.

A escolha do tema da Interdisciplinaridade, para este número, é devida à existência de um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar, em nível de Mestrado e Doutorado, que é vinculado a esse centro acadêmico e administrativo. Nesta data, portanto, comemoramos também os resultados de um trabalho coletivo e acadêmico de produção e divulgação dos saberes e práticas obtidos durante esse tempo, dos quais a Revista é parte inseparável. Somos muito gratos a todos que se empenharam, e continuam a se empenhar, como editores, pareceristas, autores, estudantes e outros muitos colaboradores da Revista.

Debater o tema da interdisciplinaridade é participar de um consenso na dissensão, como se pode constatar pela leitura dos artigos. O que unifica os muitos desacordos desse debate, contudo, é que há concordância sobre a necessidade de discutir o que ela é, seus porquês e seus modos de operar. É indagar a respeito das condições epistemológicas que tornam essa problemática obrigatória nos diferentes níveis de ensino, de pesquisa e de práticas, acadêmicas e não acadêmicas, em diversos contextos político-sociais como os apresentados aqui: canadense, francês, mexicano, cubano e da Comunidade Econômica Européia.

Os desacordos estão na própria interpretação do que é interdisciplinaridade. Parte dos autores iniciam seus artigos com a perplexidade trazida por inúmeras abordagens que, muitas vezes inconsistentes, a ameaça de dissolução antes mesmo de ser construída, como afirmou Lenoir, autor do primeiro artigo. A interdisciplinaridade torna-se, também, objeto de apostas epistemológicas, ideológicas e sociais e, hoje, especialmente apostas de organizações e empresas neoliberais em âmbitos não acadêmicos. No primeiro artigo, Lenoir estuda as estratégias de ensino há cerca de 40 anos na educação fundamental de Quebec, nas quais analisa a compreensão dos professores sobre a interdisciplinaridade e sua aplicação no ensino. O estudo da interdisciplinaridade no sistema educacional, para ele, é um das principais temas que abalaram o campo da educação desde a década de 1880, nos Estados Unidos, e por quase cinquenta anos em Quebec.

O artigo de Lenoir é, ao mesmo tempo, uma explicitação das muitas interpretações dadas à interdisciplinaridade. Tal proeza advém de anos de pesquisa cumulativas sobre esse tema, visível tanto em termos de clareza conceitual quanto na habilidade teórico-metodológica ao evidenciar a lógica implícita nas várias abordagens sobre a interdisciplinaridade em domínios sociais as quais ultrapassam o âmbito da educação e da produção científica, como o dos conhecimentos práticos e técnicos da vida cotidiana. Assim fazendo, igualmente constrói as condições epistemológicas que tornam possíveis essas noções distintas de interdisciplinaridade, a exemplo de tendências interpretativas feitas na França, nos Estados Unidos e no Brasil, decorrentes de fatores sócio-históricos e culturais

desses países. Tais perspectivas de análise implicam lógicas e tipos de pesquisa que resultam em pontos de vista singulares da interdisciplinaridade nesses contextos. Da perspectiva filosófica e/ou epistemológica francesa, por exemplo, emerge a interdisciplinaridade reflexiva e crítica; da perspectiva instrumental estadunidense emerge a interdisciplinaridade de projeto; e, da perspectiva epistemológica brasileira, emerge a interdisciplinaridade introspectiva. Em relação a representações e práticas dos professores do ensino fundamental no Quebec, Lenoir apresenta quatro abordagens dominantes de interdisciplinaridade escolar, diferente da científica, e conclui o artigo chamando a atenção para a não percepção da interdisciplinaridade de todas as disciplinas e a não existência de um saber em si, porque o saber é, antes de tudo, um processo social do tipo dialógico.

Os desafios e as possibilidades da interdisciplinaridade no ensino fundamental em Cuba são apresentados por Salmon e Benavides os quais a discutem na formação docente e no processo pedagógico. Debater esses desafios é sobretudo relevante na província de Santiago de Cuba, pois, lá, das 844 escolas de ensino fundamental, 179 são urbanas, enquanto 667 são rurais e, dessas, 579 são multisseriadas. Para eles, o desempenho interdisciplinar é uma via dinamizadora de integração de conteúdos disciplinares no processo de ensino-aprendizagem, um desafio maior a ser enfrentado quando se pensa em classes multisseriais.

No nível universitário, Hamel problematiza a interdisciplinaridade que, sempre sujeita à crítica sem se opor à ciência, encontra seu lugar sobretudo quando se trata de responder às demandas sociais ou quando especialistas de diferentes disciplinas buscam intervir em termos práticos para resolver problemas sociais mais complexos, a exemplo da saúde pública, que demanda especialistas de diferentes disciplinas buscando intervir. e recebendo de financiamentos do Estado para a pesquisa e o ensino universitário. Ele também ressalta as disputas no interior do campo científico, argumento que Chantal Aspe e Marie Jacqué, na França, ampliam ao chamarem a atenção para a ideia de que a interdisciplinaridade participa da difusão ideológica de uma concepção de universidade e de pesquisa como motores de uma economia do conhecimento, de modo que elas e o pesquisador tornam-se concorrentes e submetidos às leis do mercado. Falar mais

Tal eixo da problematização subjaz ao artigo sobre o Programa Marco de Investigação da União Europeia, de Consuelo Uribe Mallarino, visando resolver problemas que superem fronteiras e buscar a colaboração entre acadêmicos e não acadêmicos. Para isto, faz um extenso levantamento de dados a respeito da produção interdisciplinar em vários países além da União Européia e conclui que, apesar da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade existirem desde 1970, suas práticas ainda são marginais, apresentando muitas barreiras. Ao estudar o Programa Marco de Investigação e Inovação para financiar a pesquisa e a inovação na União Européia ela observa que a incorporação da interdisciplinaridade tem sido periférica e que não aparece como um propósito explícito nas definições do Programa e nem como uma linha de financiamento separada das demais.

Com um foco mais próximo da universidade, os autores Juan Carlos Villa Soto e Bianca Vienni Baptista discutem os limites encontrados no processo de institucionalização da pesquisa interdisciplinar, considerando como um estudo de caso o Centro de Investigações Interdisciplinar em Ciências e Humanidades (CEIICH) da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). El CEIICH é um centro que pertence ao Subsistema de Humanidades e começou com projetos interdisciplinares da área de Ciências Sociais, mas depois ampliou suas funções para incorporar o conjunto de campos de conhecimento como as disciplinas de Ciências da Matéria, da Vida, da Terra e engenharias. O Centro se

consolidou por meio de enfoques orientados por problemas, impulsionando, em alguns casos, ao desenvolvimento de domínios híbridos como a Sociologia histórica e a Ecologia Política etc, com colaboração intra e interinstitucional de pesquisadores, além de publicar suas pesquisas e contribuir para a formação e qualificação de recursos humanos de outras universidades.

Como se observa em alguns artigos neste dossiê, a reflexão sobre os desafios para a concretização da interdisciplinaridade, em diversos níveis de ensino e de pesquisa e em outras instituições não acadêmicas, é acompanhada da suspeita de que não há muito particularmente novo aí. Verifica-se, no entanto, tanto a ocorrência de um deslocamento pendular do conhecimento como também o nascimento de "novas ciências", conforme argumentam os autores Geraldo Augusto Pinto, Rafael Rodrigo Muller, Caio Antunes e Joana Alice Ribeiro de Freitas, no artigo intitulado *Interdisciplinaridade: superação da divisão do trabalho no saber-fazer científico ou sua fragmentária desfragmentação?* A interdisciplina, segundo eles, corresponde ao vínculo das disciplinas científicas e tecnológicas e tem recebido o apoio do complexo político empresarial no mundo, pelo menos desde a Segunda Guerra Mundial. Vista por muitos como um caminho trilhado pelo espaço acadêmico diante dos limites da fragmentação do saber, a interdisciplinaridade, para esses últimos autores, foi uma palavra de ordem usada pelas contingências do próprio sistema capitalista, entendido como uma totalidade política, econômica e social. Inseridos na abordagem teórica marxiana, interpretam-na como a relação mutuamente determinante entre o conhecimento (de várias áreas) com a formação histórico-social, dadas as premissas ontológicas do real tomadas por essa abordagem.

Enquanto esses últimos autores argumentam que a interdisciplinaridade emerge da noção de totalidade marxiana, o argumento de Young, desenvolvido em uma palestra transcrita e proferida no *Centre for Engineering Education (UCL)* em Londres, é que as disciplinas não se dissolveram e que permanecem como fonte de produção de conhecimento. Isto porque elas supõem os critérios distintivos internos aos propósitos de busca da verdade da investigação em questão, sendo mesmo a condição para a produção do novo conhecimento, sem propósitos práticos. Os exemplos por ele citados são o da pesquisa de câncer e das formas de armazenar energia, que não começam com a doença ou com os custos atuais de energia. Seu argumento é de que somente as disciplinas produzem novos conhecimentos cujos critérios para resolução de problemas são internos ao próprio progresso delas e não direcionados a qualquer propósito externo. Do mesmo modo, as reivindicações à "verdade" não são absolutas, mas respondem à "comunidade de investigadores" da disciplina, estando sempre abertas à refutação. Embora as disciplinas transcendam suas origens e suas histórias, elas continuam a refinar seus conteúdos e conceitos.

O argumento que sustenta a ideia de que as disciplinas não estão mortas é, portanto, uma contraparte inseparável da indagação sobre o que a interdisciplinaridade, suas razões, seu alcance e seus limites, indagação que expõe as muitas direções de um debate que este número especial da *Ideação* vem apresentar.

